

## SERIAL KILLERS: CINEMA, IMAGINÁRIO E CRIMES SERIAIS

Daniel Ivori de Matos<sup>1</sup>

---

**Resumo:** em fins da década de 1980 e início da década de 1990, o termo *Serial Killer* estava se popularizando cada vez mais e no cinema não foi diferente, com roteiros mais elaborados, inspirados em casos reais e ligados a pesquisas e colaborações juntamente com o FBI. No presente estudo, pretende-se, através das produções *O Silêncio dos Inocentes* (*The Silence of the Lambs*, 1991) e *Se7en: os sete crimes capitais* (*Se7en*, 1995), apresentar uma breve exposição de como os imaginários em torno dos *Serial Killers* foram se alterando ao longo dos anos.

**Palavras-chave:** Cinema-História; Representação; Imaginário.

**Abstract:** in the late 1980s and early 1990s, the term was popularized *Serial Killer* is increasingly and film was no different, with more elaborate scripts, inspired by real cases and linked to research and collaborations with the FBI. So in this study, it is intended, through the productions *Silence of the Lambs* (1991) *Se7en* (1995), to present a brief account of how the imaginary around the *Serial killers* have been changed over the years.

**Keywords:** Film-History; Representation; Imaginary.

---

### Introdução

A representação dos *Serial Killers* decorre desde os primórdios do cinema, e em diversos países, nos mais variados gêneros cinematográficos como terror, horror, suspense, drama, o *film noir*, o *thriller* e até mesmo filmes de comédia que satirizam alguns dos filmes sobre *Serial Killers*, além dos inúmeros subgêneros, a exemplo dos *slashers movies*<sup>2</sup> e dos *gialli*<sup>3</sup>. Muitas dessas produções que destacam os crimes em série apresentam questões sociais, culturais e econômicas frente à figura do *Serial Killer*, de suas vítimas e do contexto de seus crimes.

Cada filme expõe uma visão específica acerca do assassino em série e seus crimes, seja conscientemente ou não, muitas vezes dialogando com o próprio cinema. Desde filmes nos quais os assassinos são descritos como psicopatas, sociopatas, perversos sexuais ou em produções que se referem exatamente aos

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

<sup>2</sup> Os filmes *Slashers* constituem um subgênero do terror, são assim chamados por retratarem um assassino mascarado que mata aleatoriamente. São filmes que, com algumas exceções, possuem baixos orçamentos.

<sup>3</sup> Os filmes *Gialli* são conhecidos popularmente como os filmes de terror italianos, sempre tratando de assassinatos misteriosos ao longo da trama, envolvendo sempre estrangeiros e um assassino com luvas pretas.

“vilões” como *Serial Killers*, buscando apresentar as motivações dos crimes. Nota-se que todos, independentemente de seus enfoques, inspiram-se em temas presentes na sociedade; evidentemente, alguns desses filmes constroem abordagens exageradas sobre determinada ação do assassino ou utilizam os crimes em série como pano de fundo para o enredo principal.

Certos termos são recorrentes em várias produções, principalmente os supracitados sociopatas e psicopatas. Esses termos possuem uma historicidade singular, não havendo um consenso sobre a criação deles na bibliografia especializada. O termo psicopatia era utilizado no século XIX para descrever todas as doenças mentais, enquanto sociopatia foi empregado ao longo da primeira metade do século XX como sinônimo dos diagnósticos referidos a perturbação da personalidade. (HENRIQUES, 2009) Nas atuais publicações do DSM-IV-TR5 e do CDI-106, psicopatia e sociopatia são denominadas como Transtorno de Personalidade Antissocial:

[...] que denota uma disposição permanente do caráter no sentido da agressividade, da crueldade e da malignidade, determinando inexoravelmente o mal de outrem – trata-se do que outrora se designava por ‘perversidade’, caracterizando a perversão social. (HENRIQUES, 2009)

No que diz respeito ao *Serial Killer*, o termo foi utilizado pela primeira vez em casos reais na década de 1970 por Robert Ressler (CASOY, 2004), substituindo o termo *Stranger Killer* (assassino desconhecido). Na perspectiva cinematográfica, a expressão *Serial Killer* foi empregada somente em 1987 no *thriller Um Policial Acima da Lei (Cop)*, do diretor James B. Harris (KIDD, 2007). Não deixando de lado as expressões que eram comumente utilizadas: sociopata, psicopata, criminoso sexual, maníaco pervertido, louco, dentre tantas outras terminologias.

No entanto, atualmente é comum na pesquisa de filmes em *sites* como o *IMDb*, *Box Office Mojo*, dentre outros com informações sobre cinema, vemos muitas produções anteriores à criação do termo *Serial Killer* relacionadas como tal. Pode-se perceber uma apropriação do termo *Serial Killer* para o reconhecimento de temas que no passado não eram compreendidos da mesma maneira, de modo que o cinema acaba por veicular imaginários sociais diversos que se relacionam com seu dado momento histórico, “[...] todo significado é um significado-dentro-de-um-

contexto e, enquanto as estruturas mudam, velhas formas podem expressar funções novas, e funções velhas podem achar sua expressão em novas formas.” (THOMPSON, 1995, p. 243)

Deve-se notar que inúmeros filmes tratam de ou mesmo utilizam como tema, enredos, personagens e ações, algo que se pode considerar como características pertencentes aos assassinos em série, porém deve-se levar em conta as características da linguagem/estética da narrativa cinematográfica nas aproximações que a mesma aponta frente aos *Serial Killers* e a todo o conjunto de valores sociais e culturais que estão presentes nestas produções.

Não existe apenas um modelo de filme abordando os *Serial Killers*. Muitas das produções sobre assassinatos em série individualizam o criminoso, ou melhor, focalizam suas ações; outros filmes se preocupam somente com a representação de seus crimes, abordando questões moralizantes; e outras produções procuram tratar das motivações ou mesmo dos aspectos psicológicos em torno do assassino.

O cinema como indústria carrega características políticas, econômicas e culturais, expõe valores presentes na sociedade, bem como dissemina costumes que acabam por influenciar essa mesma sociedade. A representação do crime e dos diversos aspectos envolvidos, como os assassinatos em série, é realizada em filmes provenientes de diversos países, mas deve-se destacar que o cinema hollywoodiano é o maior produtor de filmes e de produções de TV que tratam de questões criminais e de assassinos das mais diversas maneiras.

Cabe ressaltar que Hollywood detém uma supremacia em relação a toda a indústria cinematográfica, controla 75% do mercado cinematográfico internacional mantido por um aperfeiçoado sistema de distribuição mundial, obtendo garantia de exibição de seus filmes, contando ainda com orçamentos milionários e um grande sistema publicitário, sem contar que o público estadunidense consome 44% da bilheteria total, nas mais de 37 mil salas de cinema nos EUA. (MOCELLIN, 2009, p. 29)

Logo a análise fílmica nos leva a refletir a respeito das representações disseminadas ao longo dos anos em relação aos *Serial Killers* para melhor compreensão sobre quais aspectos estão presentes nessas produções. Para tanto deve-se problematizar como o cinema dialoga com o próprio cinema, para além do tratamento social das características que são apontadas como de fato pertencentes

a esses indivíduos, ou seja, mostrando como o cinema por si só através das décadas abordou tal assunto.

Compreendemos que é através de seu imaginário que a sociedade representa seus conflitos, sendo que “o Cinema como manifestação do imaginário se expressa através de uma linguagem acessível às grandes massas: o alcance da linguagem das imagens é muito mais amplo que as linguagens escrita e oral”. (MEIRELLES, 1997) Portanto, o cinema se torna o principal referencial sobre os assassinatos em série, por sua popularização e enorme produção, destacando o imaginário acerca do tema em vários países, especialmente nos EUA. Nesse ponto enfatiza-se que:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com elas, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. (BACZKO, 1985, p. 309-310)

Assim, destaca-se a relevância do cinema enquanto fonte histórica, bem como um agente histórico, uma vez que ele representa nas telas uma imagem do real, de uma realidade social, de modo que a imagem e a imaginação de diversos contextos sociais estão presentes no cinema. Um filme representa anseios sociais, expõe questões do imaginário, seja ele de temática histórica, um documentário, ou propriamente nos filmes de ficção, ao ponto que todos são ficcionais.

Independente de sua fundamentação, um filme expõe na tela a visão de seus realizadores, já que um filme é resultado de um trabalho coletivo, e mesmo que destinado a certo público-alvo, seus espectadores são anônimos. “Através de um filme representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, ou seja, um mundo imaginário livremente criado pelos autores de um filme.” (BARROS, 2007, p. 02)

O filme enquanto um meio de entretenimento não obriga seus espectadores a assistirem-no, mas conquista seu público pelo fato de seu enredo fazer sentido para ele e dialogar com a realidade em que está inserido. Um filme não é entendido da mesma forma por todos, mas constrói sentidos diversos, de acordo com a bagagem cultural de cada espectador. De todo o modo, o cinema enquanto representação do real expõe questões de um imaginário social, bem como as dissemina.

Nesse ponto percebe-se, através das fontes filmicas, como certos temas se tornam comuns e como outros possuem compreensões distintas de acordo com sua época, notando-se assim, em várias produções, como o imaginário social se altera: “Com efeito, todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar.” (BACZKO, 1985, p. 309)

A produção cinematográfica acerca dos *Serial Killers* é imensa, tanto a estadunidense quanto a de outros países, e em se tratando de tal produção enquanto fonte é quase impossível catalogá-la. O *IMDb* tem em sua base de dados mais de 2900 títulos<sup>4</sup> relacionados ao termo *Serial Killer*, dentre programas de TV, video games, documentários, filmes, curtas-metragens etc. Embora se tenha feito uma tentativa no sentido de apontar algumas questões a partir de um conjunto de filmes, tem-se plena consciência de que não se esgotam todas as possibilidades das produções que abordam os assassinos em série.

A abordagem dos crimes seriais e do que esses representam para a sociedade, em várias produções, é estruturada comumente a partir das explicações sobre as causas que levam os indivíduos a cometerem tais crimes, discutindo explicações biológicas e psicológicas. Ao longo dos anos, pode-se notar como os avanços nas ciências forenses e no desenvolvimento de áreas como a psiquiatria ressoam em algumas destas produções sobre *Serial Killers*.

A indústria do cinema apropria-se de temas presentes na sociedade, nem sempre respeitando o tratamento científico conferido a tais questões. Mas, no caso dos filmes sobre *Serial Killers*, é perceptível a incorporação, nos roteiros, de pesquisas forenses acerca dos assassinos em série. Nos últimos anos, enfim, as ciências forenses se tornaram um recurso cada vez mais presente no cinema e, principalmente, em seriados de TV, o que legitimou a ciência como ferramenta contra a criminalidade, sendo responsável “[...] pela defesa e controle das ameaças e riscos potenciais das sociedades contemporâneas. Os seriados policiais e os documentários sobre crimes têm expressivo espaço em canais de grande audiência.” (RIBEIRO, 2009)

---

<sup>4</sup> INTERNET Movie Database. *Serial Killers*. Disponível em: <<http://www.imdb.com/keyword/serial-killer/>>. Acesso em: 4 fev. 2015.

Tendo em conta esse movimento histórico e cinematográfico, em fins da década de 1980 e início da década de 1990, o termo *Serial Killer* se popularizava cada vez mais com roteiros de filmes mais elaborados, muitos inspirados em casos reais, fortemente influenciados por pesquisas e colaborações juntamente com o FBI, a exemplo da produção *O Silêncio dos Inocentes (The Silence of the Lambs, 1991)*, dentre outras. Alguns filmes, como *Se7en: os sete crimes capitais (Se7en, 1995)*, continuaram a destacar a imagem do assassino em série inteligente (o não comum na sociedade, o outro), por vezes buscando conduzir o espectador dentro da mente do assassino.

Muitas dessas produções diferem em suas abordagens, notando-se a ênfase aos aspectos médico-legais na compreensão dos assassinos em série, às condições socioculturais em que estão inseridos e às motivações que os levam a matar, sejam emotivas, sexuais ou morais. Algumas produções discutem até mesmo as causas que levam uma pessoa a ser um *Serial Killer*, destacando – entre outras – questões biológicas ou mesmo psicológicas. Os crimes cometidos por *Serial Killers* por vezes são enfatizados a partir dos procedimentos judiciais, destacando que muitos desses crimes, julgados pela legislação como hediondos, acabam considerando o indivíduo como louco, com problemas psicológicos.

Ao longo dos anos 1990 e 2000 se vê tanto as grandes arrecadações de bilheteria abordando a temática de assassinos em série quanto as produções de *blockbusters*. O sucesso comercial não se deve somente ao investimento e à grande circulação, pois os *slasher movies* não eram filmes de grande potencial, mas seu enredo e a abordagem de temas recorrentes ao público jovem contrariaram tal lógica. De qualquer maneira, o grande investimento publicitário dos *blockbusters* garante certa qualidade de produção aos filmes, principalmente na contratação de atores e atrizes famosos que chamam a atenção dos espectadores.

Nesse período, como já se destacou, percebe-se que a compreensão a respeito dos *Serial Killers* foi se transformando de acordo com os avanços científicos e com questões sociais e culturais, afinal são mais de setenta anos de produções dedicadas ao tema.

David Schmid ressalta, nesse sentido, a importância do FBI na popularização dos assassinos seriais. A organização utilizou os *Serial Killers* como uma ferramenta para financiamentos e para a manutenção de sua influência política mesmo quando



a popularidade dos assassinos em série estava em baixa. Segundo Schmid (2005), o FBI fez uso da cultura popular para proclamar sua autoimagem como instituição sofisticada que combate o crime e protege os cidadãos estadunidenses. Ou seja, os *Serial Killers* serviram para aumentar a popularidade e legitimar o FBI enquanto organização a serviço da justiça e do bem social.

O pânico social intensifica-se na medida em que não são formuladas explicações específicas a respeito dos assassinos em série (sua forma de matar, a escolha das vítimas). Diante disso, aparentemente a única saída seria o envolvimento de uma agência federal na resolução de tal problema. Evidentemente muitas produções, como *O Silêncio dos Inocentes* (1991), *Se7en: os sete crimes capitais* (1995) reforçaram ainda mais a importância do FBI, fortalecendo sua imagem e seu poder.

Por outro lado, o avanço da ciência forense alimentou, nesse contexto, os imaginários científicos acerca dos assassinos em série, daí a temática ter se tornado a principal em seriados de TV. Nesses, vez ou outra, um assassino em série é protagonista de toda a temporada como na série *Dexter*<sup>5</sup>, na série *Criminal Minds*<sup>6</sup> e, com menor ênfase, no seriado *CSI: Investigação Criminal*<sup>7</sup> (todos esses seriados produzidos nos EUA).

O desenvolvimento da ciência criminal foi se mostrando presente, por menor que seja, em diversos filmes sobre *Serial Killers*. Nesses filmes, além da figura do próprio assassino em série, tem-se o representante da lei e da ordem, o policial, presente em quase cem por cento dos casos. Mas, conforme o conhecimento sobre os *Serial Killers* aumentava, outras figuras foram evidenciadas, tais como: juízes, promotores, advogados, criminólogos, cientistas forenses, médicos, psiquiatras e psicólogos. Esses agentes podem aparecer tanto como figurantes quanto como figuras importantes, tornando-se cada vez mais presentes. Por exemplo, a presença do psiquiatra se tornou mais constante no cinema em geral e, conseqüentemente,

---

<sup>5</sup> *Dexter* tem como enredo um analista forense que também é um assassino em série. A série é produzida pelo canal estadunidense *Showtime*. Estreou em 01 de outubro de 2006 com seu último episódio exibido em 22 de setembro de 2013, somando 8 temporadas.

<sup>6</sup> *Criminal Minds* retrata a Unidade de Análise Comportamental do FBI. É produzida pelo canal de TV estadunidense CBS, pela produtora *The Mark Gordon Company* e os Estúdios ABC. Estreou em 22 de setembro de 2005, ainda em exibição.

<sup>7</sup> *CSI: Investigação Criminal* a série apresenta as investigações do departamento de criminalística em Las Vegas. A série atualmente é produzida pela CBS, estreou em 06 de outubro de 2000, ainda em exibição. Além dessa série há outras, numa franquia que foca diferentes cidades dos EUA.

nos filmes sobre assassinos em série. Gabbard estabeleceu três períodos referentes à representação do psiquiatra em filmes estadunidenses:

No primeiro, de 1906 a 1956, os psiquiatras foram representados como “alienistas, charlatões” ou “oráculos”. O segundo período, de 1957 a 1963, a “Idade de Ouro”, na qual a psiquiatria foi apresentada de maneira mítica. O terceiro período, de 1964 a 1998, quando a psiquiatria “caiu em desgraça”, com uma maioria de representações negativas. (GABBARD apud DUBUGRAS; MARI; SANTOS, 2007)

Da década de 1960 até a década de 1990, a presença de psiquiatras auferindo diagnósticos sobre os assassinos em série é evidente, como em *Psicose (Psycho, 1906)* e nos *gialli O Pássaro das Plumias de Cristal (L'uccello dalle piume di cristallo, 1970)* e *Prelúdio Para Matar (Profondo Rosso, 1975)*. Os psiquiatras também são apresentados como figuras essenciais no enredo fílmico, como Dr. Loomis em *Halloween: a noite do terror (Halloween, 1978)*, como personagem principal, o assassino, como Dr. Elliot em *Vestida para Matar (Dressed to Kill, 1980)*. Com destaque para o Dr. Hannibal Lecter de *O Silêncio dos Inocentes (The Silence of the Lambs, 1991)* e para a psicóloga Helen Hudson em *Copycat: a vida imita a morte (Copycat, 1995)*.

Todo esse movimento envolvendo cinema e o imaginário social e científico, por vezes, torna-se referência de como o público percebe tais questões na própria sociedade, constituindo boa parte dos aspectos simbólicos dos empreendimentos que as autoridades utilizam na luta contra o crime, ou melhor, nas investigações criminais. O imaginário acerca dos assassinos em série é divulgado constantemente nas representações cinematográficas, de tal modo que essas acabam se tornando uma forma de educação informal sobre a legislação e sobre como a justiça age em prol do bem social. Como vários desses filmes são produzidos pelos EUA e levam em conta as características do país, há inúmeros debates a respeito da representação não condizer sequer com a realidade investigativa de muitos países, assim como com a perspectiva tecnológica e científica do público em geral. Evidentemente o cinema não é um reflexo da sociedade, mas por vezes representa questões que estão presentes no contexto social. É possível, ao analisar representações diversas, compreender de que símbolos o imaginário é composto e como são modificados historicamente.



Nesse sentido, é possível pensar como determinados filmes são recebidos pelo público e qual seu efeito. Observe-se como os vários filmes do gênero *slasher movies*, no qual os assassinos eram simplesmente utilizados num enredo sobre jovens e mortes com motivações sem muitas explicações, ainda surtem efeito ao transmitirem ao público uma imagem do assassino em série como um indivíduo lunático, maníaco, uma aberração. Convertida em símbolo, tal imagem do assassino em série age na cultura popular, como é o caso das máscaras, armas e roupas utilizadas por assassinos como Jason Voorhees e Michael Myers.

Evidentemente os símbolos e os sistemas de reconhecimento não são imputados unicamente aos *slasher movies*. Em muitos filmes, os aspectos psicológicos dos assassinos seriais são explorados amplamente como *Psicose (Psycho, 1960)*, no qual se atribui a Norman Bates problemas com figuras femininas. Outros filmes mostram os assassinos e seus traumas de infância como em *Jennifer 8: a próxima vítima (Jennifer 8, 1992)*.

Enfim, o percurso apresentado brevemente permite-nos entender o processo histórico de abordagem dos assassinos em série no cinema, muitas produções se referem ao assassino em série de acordo com a perspectiva social e cultural em que estão inseridos, ou seja, os imaginários que se vê ao longo de várias produções constroem significações diversas. Deve-se destacar que a herança de várias produções repercutiu nas produções mais recentes intensificando ainda mais a positivação da ciência.

### **O Silêncio dos Inocentes e Se7en**

Certamente um grande marco, não somente em relação a filmes de assassinos em série, mas na história do cinema mundial é a produção *O Silêncio dos Inocentes (The Silence of the Lambs, 1991)*, adaptação da obra literária homônima de Thomas Harris, lançada em 1988. Tal livro faz parte de uma série de livros sobre o *Serial Killer Hannibal Lecter*, constituída por: *Dragão Vermelho (Red Dragon, 1981)*; *Hannibal (Hannibal, 1999)*; *Hannibal: a origem (Hannibal Rising, 2006)*.

Todos os livros foram adaptados para o cinema. A primeira adaptação foi da obra *Dragão Vermelho*, em 1986, que não obteve sucesso; ao contrário do que aconteceu com a adaptação de *O Silêncio dos Inocentes*, em 1991, que além da

excelente arrecadação (cerca de 272 milhões de dólares, com orçamento de 19 milhões de dólares<sup>8</sup>), venceu cinco *Oscars* em 1992 nas categorias de melhor filme, melhor diretor, melhor atriz, melhor ator e melhor roteiro adaptado.

Com certeza o diretor Jonathan Demme e o roteirista Ted Tally fizeram adaptações consideráveis do livro, já que possuíam visões divergentes de Thomas Harris ao imaginar os diálogos e as cenas. No entanto, não se deve simplesmente caracterizar a obra cinematográfica como uma reprodução do livro, mas sim como uma narrativa visual, que acabou por transformar a obra de Harris, seguramente, mais conhecida internacionalmente através da adaptação cinematográfica.

O enorme sucesso do *O Silêncio dos Inocentes* abriu caminho para outros filmes sobre assassinos em série, não apenas em questões de bilheteria, mas também por questões de produção. É válido lembrar que alguns *slasher movies* também obtiveram bilheterias consideráveis, já que eram acima de tudo produções de baixo orçamento, mas em questões de produção deixavam a desejar em relação a outras produções hollywoodianas, fato que acabou se tornando uma marca do gênero entre as décadas de 1970 e 1980.

O que se pode perceber é que grandes investimentos na produção e outros aparatos cinematográficos elevaram o personagem do *Serial Killer* a um patamar de maior reconhecimento. Além disso, outro fator importante a destacar é o tipo de abordagem empregada para os assassinos em série, com o sucesso da produção *O Silêncio dos Inocentes* (1991), muitos filmes foram lançados e em grande parte resultaram em produções contando com atores e atrizes famosos.

Não obstante, outros aspectos se tornaram essenciais nessas produções, com a inserção das ciências forenses e acima de tudo do FBI como agência que legitima a autenticidade do enredo fílmico, a ponto de aproximar o espectador da “realidade”. Todo esse movimento traz ainda mais aos filmes a vivacidade das imagens, conquistam a aceitação do público justamente por essa abordagem, por esta “representação do real”.

A produção *O Silêncio dos Inocentes* (*The Silence of the Lambs*, 1991) certamente reúne inúmeras relações com casos reais e envolve o espectador em toda a burocracia e todo o sistema do FBI. Logicamente não foi o único filme a

---

<sup>8</sup> BOX Office Mojo. *The Silence of the Lambs* (1991). Disponível em: <<http://boxofficemojo.com/movies/?id=silenceofthelambs.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

abordar tais aspectos, pois como se havia mencionado anteriormente *Dragão Vermelho* (*Red Dragon*, 1986) foi a primeira adaptação sobre Hannibal Lecter.

Evidentemente não se está declarando que tais filmes foram os primeiros que utilizaram esses aspectos, mas se quer dizer que a produção foi uma das grandes responsáveis por tratar tais elementos, não somente no que diz respeito à abordagem dos assassinos em série, mas também por trazer para o cinema a emergência das ciências criminais.

No entanto, deve-se apontar que todo o sucesso de *O Silêncio dos Inocentes* se deu em parte aos empreendimentos de Thomas Harris na elaboração de suas obras literárias. Harris investiu em buscar ao máximo todas as informações possíveis sobre os procedimentos adotados pelo FBI, tendo frequentado reuniões e considerando que agentes como Robert Ressler e John Douglas, membros do BAU<sup>9</sup>, foram consultores na produção do filme. (RAMSLAND, 2009) Além dessa relação com a investigação criminal do FBI, Thomas Harris usou modelos reais na criação de seus personagens, utilizando assassinos em série de casos reais, como Ed Gein e Ted Bundy.

A adaptação do livro para as telas do cinema estreou em 14 de fevereiro de 1991<sup>10</sup>. A história que se passa no filme é a sequência do primeiro livro *Dragão Vermelho*, de 1981, no entanto, na produção *O Silêncio dos Inocentes* não vemos muitas referências à história anterior, somos levados a nos concentrar somente no enredo do filme.

O enredo de *O Silêncio dos Inocentes* apresenta a relação entre o assassino em série e psiquiatra Hannibal Lecter (Anthony Hopkins), que está preso em um manicômio de segurança máxima, e Clarice Starling (Jodie Foster), uma agente do FBI em treinamento. Essa relação está condicionada a uma pesquisa do FBI que está traçando perfis de assassinos em série, no entanto tal pesquisa era somente uma forma de aproximar Starling de Hannibal, para que este auxilie na captura do *Serial Killer* chamado Buffalo Bill.

Um fator interessante ao longo do filme são as constantes cenas nas quais se vê a jovem agente em treinamento, Clarice Starling, disputando um lugar em meio

<sup>9</sup> BAU (Behavioral Analysis Unit), Unidade de Análise Comportamental, tal entidade utiliza as ciências comportamentais em investigações criminais e faz parte do FBI (Federal Bureau of Investigation) e do NCAVC (National Center for the Analysis of Violent Crime).

<sup>10</sup> BOX Office Mojo. *The Silence of the Lambs* (1991). Disponível em: <<http://boxofficemojo.com/movies/?id=silenceofthelambs.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

aos vários agentes homens do FBI. Logo no início da produção se vê Starling sozinha em uma pista de treinamento em um bosque e logo é chamada para conversar com seu superior.

Ao final de *O Silêncio dos Inocentes* pode-se apontar inúmeras questões, a excepcional produção, a interpretação dos personagens, a direção, apesar disso, nossa problemática se refere principalmente à figura do assassino em série ou, nesse caso, dos assassinos em série. Nessa produção há um grande destaque para a figura dos *Serial Killers* e das diversas questões que os cercam, um das principais é a atuação do FBI como instituição defensora da justiça; aparentemente a ideia configurada ao longo do filme é que existem somente as instituições legais e os criminosos.

Outro fator de destaque é a relação da representação do assassino em série e da psiquiatria. Em várias cenas do filme, os diagnósticos do Dr. Hannibal Lecter sugerem a leitura de que somente um louco pode compreender outro louco. Além do dualismo entre Dr. Hannibal Lecter e Dr. Chilton, que é fortemente destacado, o contraste entre o psiquiatra culto, respeitável, porém selvagem e louco, e o outro, um profissional incapaz e oportunista.

Há também a dicotomia entre os assassinos em série, ou seja, entre Hannibal Lecter e Jamie Gumb. O primeiro, um renomado psiquiatra, é um intelectual, culto, muitas vezes cavalheiro, sabe se portar perante os outros, mas possui seu lado animalesco, pois é um assassino em série canibal. Hannibal não tem receio algum em matar suas vítimas, é calculista, racional, as pessoas têm medo de se aproximar dele, ele consome suas vítimas.

O segundo é um indivíduo perturbado, desorganizado, sem uma identidade definida e aparentemente nem mesmo possui uma profissão, além de ser um costureiro. Jamie Gumb possui uma reflexão simbólica sobre o que faz com suas vítimas, inveja-as, literalmente quer estar na pele delas, precisa afirmar sua identidade em virtude da diferença.

Como se disse antes, atualmente tornou-se comum a representação do assassino em série na literatura e ainda cada vez mais recorrente no cinema e em seriados de TV, que acabaram por construir várias imagens dos *Serial Killers*, muitas vezes tratando como um real consumo de suas vítimas, como a escolha de um produto qualquer.

Os serial killers transformam então suas vítimas em objetos seriais, de consumo em série. Marx descreve o fetichismo de mercadoria como o que acontece quando uma relação social definida entre homens... assume a forma *fantasmagórica* de uma relação entre coisas. No contexto do capitalismo, canibalismo e serial killing se tornam eles mesmos imagens de reificação. (GORENDER, 2010)

Ao longo de *O Silêncio dos Inocentes* nota-se a constante referência a se consumir as vítimas. Jamie Gumb utiliza a pele de suas vítimas como matéria-prima para a sua transformação sexual, para produzir seu traje identitário. Hannibal, o canibal, consome suas vítimas da forma tradicional, por via oral, ao longo do filme existem explicações do porque ele o faz, mas a produção *Hannibal: a origem* (*Hannibal Rising*, 2010) também esclarece tal questão.

O filme *Se7en: os sete crimes capitais* (*Se7en*, 1995), do diretor David Fincher<sup>11</sup>, é considerado um dos grandes sucessos do cinema da década de 1990, sua produção custou cerca de 33 milhões de dólares, arrecadando cerca de 327 milhões de dólares em todo o mundo<sup>12</sup>, e se tornou um dos maiores expoentes do gênero policial ao lado de *O Silêncio dos Inocentes* (1991).

*Se7en* trata da relação entre dois policiais em uma grande metrópole<sup>13</sup>. Um deles com longa experiência policial, Detetive William Somerset (Morgan Freeman), o outro, Detetive David Mills (Brad Pitt), é jovem e aparentemente inexperiente, pediu transferência para a cidade recentemente. Vale ressaltar que os dois atores atuaram em filmes sobre *Serial Killers*, Morgan Freeman em *Beijos que Matam* (*Kiss the Girls*, 1997) e Brad Pitt em *Kalifórnia* (*Kalifornia*, 1993). O enredo do filme aborda a recente relação entre os dois detetives e a busca da resolução de crimes hediondos que ocorrem ao longo de sete dias. A trama se desenvolve em torno da natureza dos crimes e a cada momento são descobertos pequenos detalhes sobre a motivação dos assassinatos.

<sup>11</sup> O cineasta dirigiu outro filme sobre *Serial Killers*, *Zodíaco* (2007), baseado em um caso real sem solução.

<sup>12</sup> BÓX Office Mojo. *Seven* (1995). Disponível em: <<http://boxofficemojo.com/movies/?id=seven.htm>>. Acesso em: 25 set. 2010.

<sup>13</sup> Tendo em conta que os locais de gravação foram nas cidades de Los Angeles e Mojave, no estado da Califórnia, e também nas cidades de Filadélfia e Burbank na Pensilvânia, nos EUA. INTERNET Movie Database. *Se7en* (1995). Disponível em: <<http://www.imdb.pt/title/tt0114369/locations>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

Em *Se7en* há um tratamento diferenciado, o assassino serial é inteligente, determinado, sem qualquer ligação social, possui recursos, porém sem explicações de como os obtêm, é o outro, o assassino, o louco. Em *Se7en* vê-se a caracterização sombria, sempre nublada e chuvosa da cidade, a não ser pela sequência final, apresentando através da literatura medieval como o assassino em série vê a sociedade moderna, uma sociedade apática e corrompida, representada por meio da cidade e do meio urbano. A produção sugere que o desenvolvimento das cidades contribuiu para a atuação dos assassinos em série, existe um abismo nas relações sociais. Um *Serial Killer* tem como vítimas em sua maioria pessoas desconhecidas, sem laço aparente e em uma metrópole isso não é problema, já que dificilmente as pessoas se conhecem.

Os assassinatos cometidos por John Doe punem a sociedade pela profunda apatia social que existe e pela degradação social e moral. Não obstante, todas as vítimas de John Doe foram torturadas e mortas em seu local de trabalho ou em casa, não é de se estranhar que ele conseguiu manter um homem por um ano em sua cama, sem ninguém sequer sentir falta dele, bastava pagar o aluguel em dia. O próprio John Doe morava em um apartamento imundo, sem nem mesmo alguém saber algo sobre ele, vários indivíduos morando em um mesmo local, mas sem nem sequer terem contato visual.

O que se pode verificar ao longo de *Se7en* é a forte crítica à sociedade contemporânea, aos prazeres, às vivências e ao modo como são constituídas as relações sociais. A figura do *Serial Killer* é caracterizada como um ser com reflexões frente aos problemas da sociedade através dos preceitos cristãos, ao mesmo tempo em que decidiu se isolar, mesclando suas fantasias assassinas com seu profundo desprezo pela sociedade.

### Considerações finais

O cinema aborda o tema há mais de 90 anos, mas foi alterando a abordagem de tais assassinos ao longo das décadas para conquistar seu público, explorando várias questões, conhecimentos e visões sobre os *Serial Killers*. Como, por exemplo, os *slasher movies* e seu público adolescente, apresentando uma visão paranoica do assassino em série, bem como questões de apelo moral e sexual de suas vítimas.



A respeito do desenvolvimento da abordagem dos assassinatos em série, em fins dos 1980 e início dos anos de 1990, destaca-se, por um lado, o FBI como instituição legitimadora da lei e da ordem e, por outro, a ciência investigativa, que se pode apontar como uma forte influência para a crescente produção de seriados de TV nos últimos anos.

Esse avanço foi gradativo, já que se podem ver questões voltadas a ciências forenses nos filmes do gênero *giallo* e em várias produções estadunidenses ao longo dos anos, certamente não apresentando um grau avançado do conhecimento sobre os assassinos em série, uma vez que o termo foi cunhado na década de 1970, mas muitos avanços na investigação criminal estão presentes em diversas produções, em maior ou menor grau, dependendo do ano e da abordagem dada pelo filme.

Os EUA é o país com o maior número de assassinos em série em todo o planeta e esse registro não diz respeito apenas a casos reais, pois a maior produção cinematográfica, televisiva e literária é dos EUA. Os *Serial Killers* assumiram um papel de destaque como se fossem celebridades, escrevendo livros, dando autógrafos, vendendo direitos a filmes, o que constituiu uma espécie de cultura do assassino em série.

Ainda pode-se notar que diversas visões ao longo dos filmes sugerem que o assassinato em série é condizente com a sociedade moderna, tornou-se cada vez mais presente, para não dizer comum, vemos noticiários em diversos países relatando casos de assassinos em série. Evidentemente existem relatos de casos antigos de assassinos em série, como Gilles de Rais na Idade Média, dentre outros, mas sem qualquer comparação com os registros atuais.

Com exceção de algumas produções nas quais os assassinatos acontecem em lugares isolados, pode-se notar que a ação dos *Serial Killers* está relacionada intensamente com o ambiente urbano, com a sociedade cada vez mais individualista.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, v. 5. p. 309-310.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História: as funções do Cinema como agente, fonte e representação da História. *Revista Ler História* (Revista do ISCTE), Lisboa/Portugal, n. 52, p. 127-159, 2007.

BOX Office Mojo. *Seven* (1995). Disponível em: <<http://boxofficemojo.com/movies/?id=seven.htm>>. Acesso em: 25 set. 2010.

\_\_\_\_\_. *The Silence of the Lambs* (1991). Disponível em: <<http://boxofficemojo.com/movies/?id=silenceofthelambs.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

DUBUGRAS, Maria Thereza Bonilha; MARI, Jair de Jesus; SANTOS, José Francisco Fernandes Quirino dos. A imagem do psiquiatra em filmes ganhadores do Prêmio da Academia entre 1991 e 2001. *Rev. psiquiatr.*, Rio Gd. Sul [online], v. 29, n. 1, p. 100-109, 2007.

GORENDER, Miriam Elza. Serial killer: o novo héroi da pós-modernidade. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 34, p. 117-122, dez. 2010.

HENRIQUES, Rogério Paes. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [online], São Paulo, v. 12, n. 2, p. 285-302, jun. 2009.

INTERNET Movie Database. *Serial Killers*. Disponível em: <<http://www.imdb.com/keyword/serial-killer/>>. Acesso em: 4 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. *Se7en* (1995). Disponível em: <<http://www.imdb.pt/title/tt0114369/locations>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

MEIRELLES, William Reis. O Cinema como Fonte para o Estudo da História. *Hist. Ensino* (UEL), Londrina, v. 3, p. 113-122, abr. 1997.

MOCELLIN, Renato. *História e Cinema: educação para as mídias*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

NUNES, Laura M. Crime – psicopatia, sociopatia e personalidade anti-social. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, Porto, p. 152-161, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/1324>>. Acesso em: 08 mar. 2012.

RIBEIRO, Lavina Madeira. Ciência como critério de verdade no imaginário das representações midiáticas. *Revista Interin* [online], Curitiba, v. 8, n. 2, 2009.

RAMSLAND, Katherine. *Serial Killer Movies*. Disponível em: <[http://www.trutv.com/library/crime/serial\\_killers/notorious/serial\\_killer\\_movies/16.html](http://www.trutv.com/library/crime/serial_killers/notorious/serial_killer_movies/16.html)>. Acesso em: 02 fev. 2011.

SCHMID, David. *Natural Born Celebrities: serial killer in American culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

**Artigo recebido em 01 de março de 2015. Aprovado em 25 de março de 2015.**